

## UM ARCO-ÍRIS MANCHADO DE VERMELHO: A REALIDADE SOCIAL DE GRUPOS HOMOSSEXUAIS NAS ESQUINAS EM MACAPÁ

Aline Santiago de Sousa<sup>1</sup>  
Márcio Bill Nascimento da Luz<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo conhecer a realidade social de grupos homossexuais nas esquinas da cidade de Macapá/AP. Onde foram definidas cinco hipóteses. Para tal, utilizamos a metodologia de observação participante: questionários direcionados e entrevistas, para que em um dado momento pudéssemos refutar ou confirmar tais hipóteses, o que ocorreu com o expostos no item 7(sete), no entanto, houve recusa do questionário por parte dos grupos de homossexuais e por esse motivo utilizamos outros métodos informais. Porém, inicialmente, procuramos responder a uma questão que nos instigava a cabeça – por que a sexualidade de gênero é a única aceita em sociedade – essa pergunta será respondida a partir do contexto histórico levantado. Por isso, mostraremos alguns contextos criados ideologicamente e fomentados em torno da sexualidade de gênero, bem como, o preconceito que se criou em torno da homossexualidade, a partir da divisão do sexo em masculino e feminino e assim, legitimando a supremacia da heterossexualidade, como única forma aceitável de sexo no meio social. Assim sendo, podemos compreender como foi legitimado todo arcabouço de preconceito que existe hoje contra homossexuais.

**Palavras chaves:** Heterossexualidade, homossexualidade, sexualidade e homofobia

### 1 Ideologia, heterossexualidade, homossexualidade e criação do preconceito<sup>1</sup>

Ao iniciarmos esse artigo, uma pergunta nos rondava a cabeça: por que a sexualidade de gênero é a única forma correta de buscar o prazer sexual? Para tal pergunta, tentaremos verificar como se fomentou historicamente essas três modalidades: ideologia, heterossexualidade e homossexualidade no imaginário humano.

Recorrendo à história da humanidade, verificamos que determinadas realidades são construídas através de **ideologias**. Por isso, quando transformamos uma ideologia em verdade absoluta, corremos o risco de excluir todas as possibilidades que estão por vir. Visto que, a ideologia é uma falsa consciência que é tida como verdade. São, sobretudo, através dessas falsas consciências que a história estabeleceu determinados estereótipos, preconceitos, discriminações, perpassando o tempo, entre indivíduos, grupos e sociedades. Com efeito, o poder que se estabelece em sociedade contra aquele que ousar ser diferenciado é desumano, porque em nosso convívio diário o dito padrão social nos impõe, pois ser diferente não constitui uma aberração, ao contrário, o poder que concretizou simbolicamente, ou melhor, ideologicamente, foi se

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado a Disciplina Estágio supervisionado IV como forma avaliativa e alongado ao trabalho de conclusão de curso (TCC) do Curso de Ciências Sociais. Sob orientação do Professor Msc. Luciano Magnus de Araújo. LMA3@HOTMAIL.COM

\* Acadêmicos do Curso de Ciências Sociais 2009 da Universidade Federal do Amapá.

ALINE\_LILI01@YAHOO.COM.BR

MARCIOBILL02@YAHOO.COM.BR

construindo em longo prazo e impetrado contra grupos que fogem as regras normativas estabelecidas socialmente.

Durante o processo de construção ideológico, o imaginário humano foi sendo convencido a não aceitar o que não fosse convencional as normas. De certo, esse foi o papel eficaz da ideologia: petrificar no inconsciente humano verdade inexistente. Por isso quando Marx preconizou afirmativamente que a ideologia é uma forma de representação no plano da consciência, e que serve para mascarar a realidade (MARX, s/a, s/p Apud SEVERINO, 1986.p. 8) estava convicto em denunciar, desnaturalizar, desmistificar inúmeras mazelas que ocorriam em sua época e passavam despercebidas pois já existiam regras e deveres estabelecidos que tinham de ser cumpridos às duras penas. Dessa forma, se inscreve a ideologia, como uma doença social, que infecta e contamina a cadeia societária, disseminando o mascaramento de uma pseudo realidade. É um conjunto de regras, normas e valores que é aceito, se não por todos, mas pela grande maioria inconscientemente e perpetuado como validade. Essa validade irá construir margens para outros modos de dominação, entre as quais estão inscritas a **heterossexualidade**, bem como a supremacia do masculino sobre o feminino.

Para buscarmos resposta a nossa pergunta e tentar compreender os dois pontos acima citados precisamos buscar alguns fatos históricos. Para que assim, tenhamos melhores condições de entendermos como se construiu a heterossexualidade e a supremacia masculina sobre o feminino. Visto que, hoje, esses dois fatores estão intimamente ligados. Por isso, recorreremos à antiguidade como início de nossa procura.

Quando recorreremos à antiguidade clássica, foi para observarmos se nesse período havia resquícios ou indícios da supremacia masculina que pudesse indicar se naquelas sociedades já havia dominação patriarcal que nos levasse a entender por que ao longo do tempo essa prática se tornou tão comum em nossa sociedade. Surpreendentemente, verificamos que aquela, era uma sociedade masculina, (onde as mulheres não possuíam direitos) com isso, o homem era tido como o principal elemento administrador da família, ou seja, o que manda, decide, domina e tudo circulava em torno dele. Por exemplo, Platão e Aristóteles constantemente igualavam o homem à razão, à ordem e ao controle, e a mulher ao irracional. Dentro dessa visão desigual, a mulher se insere como: oprimida, submissa, obediente; em contra partida, observamos historicamente a construção que se ergue sobre a posição hierarquizante do homem. A história nos dá margem para compreendemos como se delineou o processo histórico da heterossexualidade, como se

construiu e intensificou ao longo de um espaço de tempo. Como salientavam os filósofos gregos; “as mulheres comparadas aos homens são movidas a lágrimas, ciúmes, lamúria, repreensão, violência, melancolia, menos esperança, vazios de vergonha, discursos inexatos e enganosos.”<sup>2</sup> Ora, como pode haver enganos em discursos carregados de preconceito e exclusão. Por isso, e acima de tudo, servirão de alicerce para garantir a supremacia do masculino sobre o feminino, principalmente, em meado do século XIX com a criação dos novos Estados nacionais europeus, que terão no discurso científico o apoio para legitimar suas explicações de mundo. Pois nesse período, “as sociedades ocidentais tinham um modelo sexual que hierarquizava os sujeitos ao longo de um único eixo, cujo vértice era o masculino.” (LOURO, 2009, p.87). Assim sendo, e nessa ordem, a heterossexualidade, também se concretizou com o fortalecimento privilegiado de “seu status de normalidade” legitimado pelo seu “caráter de naturalidade,” neste caso, disseminase no tecido social uma validade que envolve toda a sociedade. Instaurados esses dois pólos (normal e natural) se ergue sobre o inconsciente social, sobretudo, na base familiar comandada pelo poder patriarcal – a igreja, que pregava o desapego material e vivia na luxúria – e a lei que servia para legitimar as demais e principalmente, na educação, na medicina, na mídia, as “múltiplas estratégias” para envolver as instituições sociais, que irão contribuir, de maneira decisiva e inconsciente para a contínua hegemonia da heterossexualidade. Dessa forma, será mantida ao longo do tempo, a validade de que o sexo entre seres humano corresponde a dois pólos: o masculino e o feminino. Solidificando o homem como o poder supremo e a heterossexualidade<sup>3</sup> como única forma sexual aceitável em sociedade.

A partir da divisão do sexo em dois pólos (masculino/feminino) distintos, semeia-se no seio social, a existência de que os seres humanos nascem como macho e fêmea. Assim, se reafirma o sexo em torno desses dois pólos, ou seja, a busca do prazer, do desejo, da atração, da conquista, da sedução, só será concebida como forma normal mediante o sexo oposto, de outra forma, entre gênero. (LOURO, 2009, p.89). Essa forma legitimada, não terá sentido sem antes encontrar em seu curso a sua oposição. Essa oposição se legitimara, sobretudo, com o preconceito que se disseminara contra **a homossexualidade**.

---

<sup>2</sup>THORNTON BS, Eros. A lei de Atenas e as mulheres. Disponível em: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=3390#ixzz2Pb5GOMCA>> Acesso em: 21/09/2012.

<sup>3</sup> A heterossexualidade só ganha sentido na medida em que se inventa a homossexualidade. Então, ela depende da homossexualidade para existir. O mesmo pode ser dito em relação ao sujeito homossexual. Guacira Lopes Louro: 2009, et al. P-89.

Em toda sociedade sempre existiu a homossexualidade<sup>4</sup> e “está presente em todos os sexos, raças, etnias e convicções religiosas.” (RIOS, 2009, p.65) Só que antes, era de uma forma velada, escondida, pois uma realidade mascarada é mais fácil de controlar e quem ousasse incorrer nesta prática era sujeito a punições. Buscar meios para compreender esse fenômeno era a saída para os cientistas daquela época. Por certo, a partir do século XIX, as ciências com o apoio das novas nações, vieram “legitimar, organizar, normatizar, conhecer, explicar, identificar... classificar, dividir, regradar e disciplinar a sexualidade”. (LOURO, 2009, p.88).

Nesse período, a homossexualidade ira entrar no rol dos fenômenos a serem investigados, para poder encontrar uma resposta à sociedade daquele período. A procura pela elucidação da homossexualidade será alicerçada por:

Homens, médicos e também filósofos, moralistas e pensadores (das grandes nações européia) que vão fazer as mais importantes “descobertas” e definições sobre os corpos de homens e mulheres. Será o seu olhar “autorizado” que ira estabelecer as diferenças relevantes entre sujeitos e práticas sexuais, classificando uns e outros a partir do ponto de vista da saúde, da moral e da higiene (LOURO: 2009 p.88).

É, principalmente e, sobretudo com o nascimento da sexologia<sup>5</sup> que a homossexualidade irá se alicerçar como um fenômeno anormal, opositor as regras, não condizente com a realidade social, um fenômeno instigante e desviante, uma nova modalidade sexual que precisava ser explicada e compreendida. Desse modo, buscavam-se as causas, as razões, as circunstâncias que levaram ao surgimento dessa motivação sexual. (Idem, Ibid.2009, p.88) Será construído um campo fértil e ideológico para fornecer a sociedade uma verdade, uma explicação. E com isso, será permeado todo o meio social com a validade de que: a homossexualidade é um fenômeno

---

<sup>4</sup> “Ainda que a prática da homossexualidade esteja entre as principais práticas sexuais, ao lado da heterossexualidade e da bissexualidade, na historia dos diversos povos, em épocas e em todos os meios sociais, observado já pelos filósofos como Schepenhauer, e amplamente atestado pelas pesquisas em antropologia e história – e que um meio homossexual masculino tenha se formado nas grandes cidades ocidentais pelo menos desde o século XVI – a representação do homossexual (homem ou mulher) como um tipo clinico, tal como se conhece hoje, somente aparece nas sociedades ocidentais no século XIX. Em 1870, um texto do medico alemão Carl Westphal, intitulado “As Sensações Sexuais Contrarias”, definiu a homossexualidade como um desvio sexual, abrindo caminhos para teóricos da época e seus herdeiros tratarem de descobrir o que, na anatomia ou na história familiar do “doente”, pode provocar sua “anomalia”. O termo passa a designar um tipo social particular, com pretendidas características psicológicas ou fisiológicas. Assinala-se, contudo, que o termo homossexual (do alemão Homosexualitat) aparece, pela primeira vez, em 1869, em artigos de jornais do escritor e advogado húngaro Karol Maria Kertbeny”. (Sousa Filho, 2009, p.100)

<sup>5</sup> .Nascia a sexologia. Inventavam-se tipos sexuais, decidia-se o que era normal ou patológico. (Louro, 2009, p.88).

desviante e fere as normatividades estabelecidas. Neste contexto, pesquisadores irão fomentar - que o chamado homossexual - tem uma “causa específica” e o comportamento desses indivíduos deve ser explicado pela ciência. Então, o homossexual ou homossexualidade será vista como patológico<sup>6</sup> e uma parte do corpo (um gene, um pedaço do cérebro, hormônio, um instinto congênito ou adquirido) por mais minúscula que seja, pode servir para tal explicação, por que são indivíduos que ao longo de sua formação podem ter sofrido certo tipo de “desvio” ou até mesmo uma “suspensão” ao longo de sua composição sexual. (SOUSA FILHO, 2009, p.95). Neste contexto, observamos a dimensão em que é construída a gama de preconceito<sup>7</sup> que envolve a homossexualidade.

Nesse caso, vimos que essa gama preconceituosa se ergueu sobre uma base ideológica e validada como contrariedade as normas. Afinal, não se procurou compreender que a homossexualidade é uma escolha e não uma causa, por isso, durante muito tempo, o homossexual ou a homossexualidade foram vistos como “doença, vício, crime e pecado”, (Idem, 2009, p.101) pois segundo as regras sociais poderia ser contagioso. Porém, só foi esquecido que o contágio era o medo de se reconhecer no outro. (JUNQUEIRA, 2009, p.416) Isso fica evidente quando observamos: o desdobramento que se criou contra homossexuais - foi em função ideológica - para legitimar um preconceito, uma discriminação ou até mesmo uma situação de poder. Neste sentido, salienta (Idem, Ibid, p.416).

Todos podemos conter algo do “outro” (ainda que de modo reprimido, postergado ou desviado), além de também sermos o “outro dos outros” e, inclusive, apresentamos diferenças e semelhanças e produzimos juntos um cenário mutante, multifacetado e polifônico de infinitas e surpreendentes especificidades e possibilidades. Afinal, “todos já vimos, ainda que em níveis diferentes, este reencontro de culturas no interior de nós mesmos: somos todos híbridos”... Por isso. Chega à ânsia que possamos emergir como “os outros de nós mesmos”.

Afinal, combater um mal que havia no outro e assolava e ainda assola o imaginário humano, é mais fácil que respeitamos as escolhas que cada um faz. Por isso, todos os dias estão

---

<sup>6</sup> As sociedades ocidentais foram às primeiras que, na modernidade, constituíram a homossexualidade num problema clínico e os homossexuais em sujeitos clínicos – para o que grandemente contribuíram a psicologia e a psicanálise. (SOUSA FILHO, 2009, p.96)

<sup>7</sup> O preconceito age em círculo: como a homossexualidade é a priori encarada como “inversão”, “desvio”, “anormalidade”, “perversão” etc, suas supostas “determinações” não são compreendidas como determinações de uma escolha objetual normal e saudável (Ibid.2009, p.97).

expostos nos noticiários os justiceiros que combatem o mal. O mal que se ergue quando o indivíduo tem o temor de se reconhecer no outro e o horror de ser igual ao outro e ser a caça do outro. Então, a confusão ocorre quando você percebe que há semelhança entre o eu o outro. Isto ocorre em versões violentas de terror, ódio, desprezos, discriminações e em certos casos pode levar ao extremo de um assassinato, não porque ele é diferente, mas sim porque existe possibilidade dele ser “parecido conosco”. Pois, ao longo de nossa existência não nos ensinaram que o diferente existe e, é normal. Neste contexto, podemos notar que em sociedade e a partir dessa visão discriminadora social, tudo o que é diferente, é segregado e marginalizado.

## **2 Violências e Homofobia, do preconceito ao avanço**

Atualmente quando falamos em violência parece-nos que estamos em meio a um turbilhão de tempestades. Compreender os caminhos que levam ao surgimento desse fenômeno não é fácil, e a problemática de conviver diariamente com o fenômeno da violência, nos deixa ainda mais perplexos, pois a sua naturalização se torna cada vez mais normal. Por isso, quando observamos as atuais circunstâncias que envolvem este fenômeno ficamos estarecidos. Afinal,

A atualidade violenta é de grande complexidade e nela ordens e desordens entrecruzam-se num caldeirão de ações, de desejos, de uma sociedade melhor: “transformar a sociedade através das lutas sociais?”; “controlar seus desvios? Talvez compreender signifique buscar sentidos outros que não o da naturalização da violência em curso. Para exemplificar, pensemos que hoje está à disposição, para a diversão de todos, *games* “infantis” que simulam uma guerra entre policiais heróis, *à la* “Tropa de elite”, e traficantes em uma favela brasileira. São múltiplas as violências. (SILVA,2009, p.88.89).

Este é um tema que parece está sempre em voga e sempre requer bastante atenção, pois estão constantemente invadindo nossos lares, não só através dos jogos eletrônicos e filmes que retratam violências de guerras, massacres, genocídios, chacinas, sobretudo, pelos meios de comunicações como: páginas de jornais, radiofonia, redes televisivas e eletrônicos, deixando de ser um tema exclusivos de páginas policiais. Nestes casos, a violência gira em torno da sociedade como um fantasma, que assombra e corrói a sociedade (MEYER, 2009, p.214).

Desde os tempos mais remotos até hoje, a violência está presente. E, é importante lembrar, quando se trata de violência, ela implica as mais diversas relações de poder; como ressalta Michel Foucault, (...) “Uma relação de violência atua sobre um corpo ou coisas, ela força, dobra, destrói ou fecha a porta a todas as possibilidades. Seu pólo oposto só pede a passividade, e se ela se encontra com qualquer resistência não tem outra opção que tratar de minimizar”. (MEYER, 2009, p.217) Esta citação de Foucault na obra “Ética, Sexualidade, Política” serve para compreendermos como a violência atua, contra os indivíduos e as camadas sociais. Ela invade o seio familiar, os debates profissionais, as conversas entre amigos, transformando o modo de viver das pessoas. Nesses contextos sociais, pode-se compreender que a violência tem como parâmetro mudar todo um contexto social urbanístico, não só do Brasil mais também do mundo. (MEYER, 2009, p.213)

A problemática da violência trás outras perguntas: como resolver um mal que está cotidianamente nos rondando? Como combater algo que está presente em todas as áreas da vida social? O que fazer diante de tantos atos violentos que nos deixam apáticos e inertes? Se bem pensarmos, o homem em sua busca desenfreada para sair da escuridão, criou armadilhas a si mesmo, pois em seu caminhar ele eliminou todas e tudo aquilo que era considerado obstáculo, uma ação de individuo contra individuo. Esse curso histórico Norbert Elias denominou de “Processo civilizador” A violência que assolava e ainda assola humanidade que Elias nos diz:

[Como] é possível que tantas pessoas consigam viver normalmente juntas em paz, sem medo de serem atacadas ou mortas por pessoas mais fortes do que elas, como é hoje o caso em grande parte das sociedades em que vivemos.” Talvez essa falta de evidencia primeiro quando nos apercebemos de quão mais elevado o nível de violência nas relações entre pessoas de em épocas pregressas do desenvolvimento humano (ELIAS,1997, p.161 apud MEYER, 2009 ).

Esse passado se evidencia quando olhamos para o que Marx nos mostra em *o Manifesto Comunista (2009)*, que em toda sociedade sempre houve opressores e oprimidos. É evidente que essa violência é econômica e deixam milhares de indivíduos a beira da miséria, mais ela existiu e ainda hoje existe. Esses desdobramentos históricos nos mostram que a vida humana parece-nos uma dualidade de forças, onde existe um forte e um fraco e da forma que esse embate se apresenta parece não ter fim. Porém, precisamos ressaltar que essas construções de forças foram enraizadas ao longo de um período histórico e por isso se tornaram normais e naturais em

sociedade. Neste contexto, ressalta Rogério Diniz Junqueira (2009, p.418) que “é preciso então desestabilizar construções que dependam de oposições diametrais entre pares conceituais irreduzíveis (eu - outro, branco - negro, homem - mulher, hetero - homossexual, puro – impuro” que perpassam o tempo em sociedade. Assim sendo, há dois pólos distintos convivendo como se não houvesse conflitos, mas isso é puro engano, pois em essência e historicamente essa dicotomia se estabeleceu e se formulou ideologicamente. Com isso, se estabelece uma hierarquização entre grupos sociais distintos. Então, quem não estiver de acordo com o estabelecido torna-se marginalizado em sociedade e sofre toda a ira do grupo dominante. Neste caso, o grupo dominante será tido como “referencia” social e tudo que for contra será “inferior ou marginalizado”. Por tanto, o grupo dominante surge como alicerce que implantara todas as regras e normas sociais independentemente da força que seja preciso usar (Idem, Ibid: 2009, p.418).

Acima, citamos alguns tipos de violências que o homem impetrou contra seu semelhante, por isso, estão em debate hoje, tanto no meio acadêmico, e na sociedade de modo geral, mais um tipo de violência que vem a longo tempo despertando, os mais diversos tipos de análises e curiosidades. Esse fenômeno é hoje denominado de homofobia, ou seja, repulsa aos diferentes tipos de homossexualidade.

A homofobia é um tipo de violência que está em debate hoje. Esse fenômeno ganha espaço em virtude de inúmeras agressões que vem ocorrendo com os que se denominam homossexuais. Nos últimos anos, as nossas sociedades vêm sofrendo grandes transformações, (estruturais, econômico, políticos, cultural e social), porém, no que se refere ao âmbito social, nossa mentalidade continua como a mentalidade de séculos passados. Alicerçando preconceitos que vem de épocas pregressas. Desse modo, as transformações ocorridas no meio social, não foram suficientes para que as pessoas pudessem aceitar o diferente. Assim, a normalidade existente em nossa sociedade de que só existe sexo de gênero ou heterossexual, continua a ditar as regras e conseqüentemente, aqueles relacionamentos que desafiam a conduta normativa vão de encontro às regras já estabelecidas, tais normas, estão validadas com a “heteronormatividade constitutiva” (MAYER, 2009, p.286), ou seja, a regra a ser seguida, só reconhece as noções de “casal”, somente quando houver conjugalidade de casamento entre gêneros. Neste caso, a classe desviante (homossexualidade) se torna a negação da norma.

A partir dessa visão, a homossexualidade torna-se o problema a ser solucionado em sociedade e a homofobia é o alimento concretizado através de “aversão, desprezo, ódio,



desconfiança, desconforto ou medo” contra a pessoa homossexual. Contudo, existe ainda outro agravante, pois existem pessoas que chegam ao extremo da violência física e em certos casos a morte. A homofobia, nesse sentido, transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto aspecto de hostilidade, que culmina com violência contra “homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais”. As motivações homofóbicas são pelo fato do indivíduo se auto – declarar gay. Grupos homossexualmente declarados, passam a ser potencialmente um risco, pois ferem as normas, as regras e valores no meio social.

Essas normas também implicam uma relação de poder, pois dentro dessa relação fica evidente mecanismo que levam a exclusão, assim como, “estruturas hierarquizantes” de “sistemas de crenças e de representação [padronizados] relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar, e legitimar uma única seqüência... centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero”. (JUNQUEIRA, 2009, p.375) Dessa forma, se estabelece uma repulsa contra qualquer tipo sexual diferente do constituído. Assim, semeia-se a violência homofóbica contra grupos minoritários, nesse contexto, fica definido um “engessamento identitários [que] impõe severos limites a quaisquer outras alternativas de expressão, identidade, ou inclusão e comporta altos custos aos que ousam transgredir o que foi demarcado” e determinado pela norma, amalgamado pela heteronormatividade (Idem, 2009, p.380).

O preconceito generalizado impõe sanções às classes minoritárias, pois grupos manifestadamente declarados homossexuais estão sujeitos a constantes violências e com isso, será colocada a margem da sociedade, ou seja, serão uma minoria que ficará sujeita as intempéries sociais. E tudo que é desviante, não se encaixa nesta lógica de normalidade. Contudo, é insuportável aceitar essa nova forma de múltiplas sexualidades, da qual se insere o homossexualismo (LOURO, 2009, p.92) a não aceitação do sexo desviante provoca o preconceito e a violência que hoje se denomina pelo termo homofobia, contudo a sociedade tem um grande desafio a solucionar, uma vez que isso foge do padrão social culturalmente adquirido.

## **2.1 Do ponto de vista do preconceito**

A aversão em relação à homossexualidade vem sendo alicerçada desde o século XIX, com a divisão do sexo entre masculino e feminino. Porém, o termo “homofobia” registra-se a partir do

final da década de 60, com o pesquisador George Weinberg, onde ele procurava “identificar traços da personalidade homofóbica”. Mas a expressão só veio ganhar status acadêmicos na década de 70, que correspondia a “condensação da expressão homosexualphobia”.

O surgimento do termo deu margem para que novas expressões fossem utilizadas de forma pejorativa, por isso, proliferou-se em sociedade, tendo como objetivo fazer uma correlação específica de discriminação a determinados grupos. Tais como: putafobia (prostitutas), transfobia (travestis e transexuais), lesbofobia (lésbicas) e bissexualfobia (bissexuais). Essas expressões marcam o campo fértil da discriminação e do preconceito contra pessoas que se declaram homossexual, tornando-se o alimento do homofóbico, ou seja, aquele que tem aversão aos homossexuais. (RIOS, 2009, p.60)

## **2.2 Do ponto de vista do avanço**

É notório que determinados fenômenos são naturalizados através de séculos e para destruir tal naturalização, também o tempo é o melhor remédio. Neste contexto, hoje, ações de grupos (LGBT) que lutam pelo direito e reconhecimento de grupo minoritário vem em longo prazo conseguindo alguns avanços, não só no Brasil, mas também no mundo.

Segundo a “Anistia Internacional<sup>8</sup>, em 1991, passou-se a considerar discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos. Entre as formas mais discutidas estão a homofobia institucionalizada (por exemplo, patrocinada por religiões ou Estado)” Por isso, esses movimentos sociais estão constantemente pressionando Estados e órgãos competentes, para que tenham seus direitos reconhecidos por lei. Para que o princípio isonômico, seja igualmente a todos(seffner,2009,p.125 Apud RIOS,2009,p.70) Nesta abordagem, a homofobia viola os princípios que recaem sobre os direitos humanos, delineando os efeitos que implicam em “quaisquer distinção, exclusão, restrição” contra indivíduo, grupos ou sociedade que tenha como “propósito, ou efeito de anular ou prejudicar o reconhecimento, gozo ou exercício em pé de igualdade de direitos e liberdade fundamentais”. Apesar de muitos avanços, ainda hoje, existem inúmeros casos de violência que ocorrem contra grupos homossexuais. Alguns estudiosos e

---

<sup>8</sup> SANTANA, Ana Lucia. Homofobia. Disponível em: < <http://www.homofobiainfoescola.com.br>> Acesso em: 16/12/2012.

indivíduos comuns atribuem a origem da homofobia às mesmas motivações que fundamentam o racismo e qualquer outro preconceito<sup>9</sup>.

Atualmente existe reconhecidamente, segundo a Revista Almanaque ( 2012, p-133), dez países que reconheceram legalmente o casamento entre pessoas do mesmo sexo,entre os quais estão: “Holanda, Bélgica, Canadá, Africa do Sul, Espanha, Suécia, Noruega, Islândia, Portugal e Argentina.” Em outros países como o “Uruguai a lei reconhece a união civil, no México, a capital” reconhece tal união. Porém, nos “Estados Unidos” a autonomia estatal permite que os Estados decidam se querem ou não tal união. Por isso, somente “seis Estados oficializaram o casamento de pessoas do mesmo sexo e mais a capital do país. No Brasil a proibição se pautava sobre a Constituição (artigo 226 do Código Civil e artigo 1.723) que legitimavam perante a lei somente o casamento de gênero<sup>10</sup> .

Mesmo quando a constituição brasileira garante no título I os “princípios fundamentais” que rege no artigo 3º, IV dos direitos de cada um, da livre escolha e assim, a garantia de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer outras formas de discriminação” (art. 3º, Inciso IV). Assim como essa mesma legislação, nos diz no título II do artigo 5º,Inciso III que é proibido submeter qualquer pessoa “a tortura”, bem como, “a tratamento desumano ou degradante” (art. 5º, Inciso III) que possa ir contra o direito do livre arbítrio, mesmo assim não temos esses direitos garantidos nem quando ditos “normais”, imagine como são garantidos os direitos dos chamados “desviantes”, “aberrações.” Por isso, usando de suas atribuições, em 2011 o Supremo Tribunal Federal reconhece o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

A tentativa de formatar os vínculos afetivos dentro de um único modelo sempre existiu,variando segundo valores culturais e a influência religiosa dominante em cada época. A família consagrada pela influência religiosa pela lei sempre foi conservadora: entidade matrimonializada, patriarcal, indissolúvel, hierarquizada e heterossexual.

A união homoafetiva emerge em decorrência da dinâmica social que os seres humanos encontram-se hodiernamente, em face da evolução intelectual da humanidade que os levou a dar

---

<sup>9</sup> SANTANA, Ana Lucia. Homofobia. Disponível em: < <http://www.homofobiainfoescola.com.br>> Acesso em: 16/12/2012.

<sup>10</sup> Revista Almanaque Abril 2012, p -133. Seção Panorama Sociedade.“Brasil Legaliza união gay”.

uma nova abrangência ao casamento, ao reconhecimento de um novo modelo de entidade familiar.

A partir de “5 de maio de 2011, o regimento jurídico da união estável, passa a valer para casais homossexuais, a partir da ADPF 136 (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) com o reconhecimento do Supremo Tribunal Federal (STF). O Estado Brasileiro passa a assistir e amparar o casamento homoafetivo que é o contrato estipulado entre as partes, realizado sob a proteção do Estado, com isso, fica legitimado pelo Código Civil e garantido os mesmos direitos de casais heterossexuais sob pena de discriminação.

### **3 Sexualidade e diversidade sexual**

Desde o tempo de nossos avós até hoje, quando se trata de falar de sexo ou sexualidade entre pais e filhos, ainda se encontram alguns tabus. Esses tabus são frutos da imaginação que nos encucaram ao longo da vida. O melhor exemplo (as crianças eram trazidas penduradas numa cesta no bico cegonha) são as fantasias que as crianças inventam sobre seu sexo, “seu nascimento, as diferenças entre meninos e meninas” e principalmente as desculpas que os pais inventavam sobre o nascimento. Esses mitos que se construíram sobre sexo ou sexualidade através dos tempos que Michel Foucault (1978) denominou de “produção fantasística”. Essa produção, se erguia, sobretudo, com a análise da psicanálise Freudiana da sexualidade, onde Freud aborda esse fenômeno através dos mitos religiosos da sexualidade. ( Idem, Ibid: 1978, p.58.9). A partir dessa ótica, “o sexo” passou a ser um dos maiores “mecanismo do poder e do controle social experimentado pelo indivíduo” (BAUMAN, 1998, p.180).

O poder eficaz, se evidencia com as novas técnicas de controle implementadas pelo Cristianismo. Segundo Michel Foucault (1978), o pastorado foi à técnica mais eficiente que a sociedade cristã utilizou para manter a vigilância constante de seu rebanho. Esta vigilância era mantida através da “confissão exaustiva e permanente”, o medo do pecado e do inferno, a “concepção da carne” e da luxúria, foi o meio termo que o Cristianismo<sup>10</sup> encontrou para

---

<sup>10</sup> Creio que a técnica de interiorização, a técnica de tomada de consciência, a técnica do despertar de si sobre si mesmo em relação às suas fraquezas, ao seu corpo, à sua sexualidade, à sua carne, foi à contribuição essencial do cristianismo a história da sexualidade (Michel Foucault: 1978, p. 71).

“instaurar um tipo de poder que controlava os indivíduos através de sua sexualidade<sup>11</sup>”. Desta forma, instaura-se constantemente a proibição ao prazer, a sedução, ao erotismo. Através de discursos científicos e institucionais, desse modo, todo indivíduo, todos os discursos dessa moral ditavam um comportamento e uma tomada de consciência associado a uma identidade na forma de sua subjetividade. Todo esse arcabouço teórico que regia a sexualidade estava carregado com o peso de uma “moral burguesa” e por outro lado se mesclava ao discurso da “moral cristã”. Associados criavam as ideologias que podavam a busca do prazer e da mesma forma dizia-se não ao sexo. (Idem, Ibid, 1998, p.71.6).

Admitir adversidade significa respeitar o direito de escolha de cada um e aceitar as novas possibilidades que surgirão. Desse modo, a valorização da diversidade permitirá transpor, o atual quadro existente e construir uma realidade onde todos possam encontrar a identidade que melhor lhe convém. Por isso, precisamos desqualificar o preconceito que se criou em torno da diversidade sexual. E diversidade, neste sentido, significa desmistificar, libertar, emancipar, valorizar o “diferente”, “o diverso” para que sua presença possa ser respeitada e seu direito garantido socialmente. (JUNQUEIRA, 2009, p.408.9).

E dentro desse contexto que buscamos desmistificar a incoerência social existente, da qual essas minorias de orientação sexual são atingidas diretamente. Estruturar uma mudança de comportamento social para combater esse padronismo cultural, requer mais investimento em políticas educacionais voltadas para a sensibilização da população de forma a respeitar o próximo como ser humano independente da sua orientação sexual.

---

<sup>11</sup>“No fundo, a sexualidade é aparentemente a coisa mais proibida que se possa imaginar; passamos o tempo proibindo O início do discurso sobre a sexualidade veio carregado de preconceito, visto que, tal termo, designa “as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados.” (RIOS, 2009, p.54) Esse preconceito era legitimado pelos discursos científico – religioso que desqualificava o erotismo existente no ato sexual. Por isso, hoje, quando falamos de diversidade sexual, múltiplas sexualidades estamos indo de encontro às regras existentes em sociedade. Afinal, ao longo da existência humana foi estabelecida ideologicamente uma única forma de sexo, a que constitui o gênero. Com isso, cogitar a possibilidade de outras formas sexuais é transgredir e ferir o que já está naturalizado. A diversidade sexual por tanto vem para desmistificar os mitos que foram construídos em torno de uma única forma sexual. Neste contexto, diversidade significa dizer não á repressão que se criou em torno da sexualidade (RIOS, 2009, p.54).

Portanto as crianças de se masturbarem, os adolescentes de fazer amor antes do casamento, os adultos de fazer amor desta ou daquela maneira, com tal ou tal pessoa. O mundo da sexualidade é um mundo altamente sobrecarregado de interdições (Idem, Ibid , 1978, p.75).

#### **4 Desafios no Campo de Pesquisa**

Foram utilizados nesta pesquisa métodos de observação participante; entrevistas e formulários com dez perguntas direcionadas. Objetivando conhecer a realidade social dos grupos homossexuais nas esquinas de Macapá, em especial nas esquinas das Av: Salgado Filho com a Rua: Hamilton Silva, Rua Jovino Dinoá com Av: Raimundo Álvares da Costa e Rua: Leopoldo Machado com a Av: Fab (atrás da Assembléia Legislativa).

Nas esquinas, acima mencionadas, ficam aos finais de semanas, dez integrantes homossexuais que realizam programas sexuais, sendo que, cinco em cada esquina, a partir da aproximação foram feitas três visitas em lócus para que pudéssemos conhecer mais de perto a realidade que se encontravam esses grupos.

#### **5 Procedimentos, fatos e dificuldades**

Inicialmente ao chegarmos ao local, na Avenida Salgado Filho com a Rua Hamilton Silva, optamos em ficar apenas observando a rotina do grupo, sem nos identificarmos. Numa Distância de aproximadamente 70m e no período de 1 hora acompanhamos as movimentações que havia naquela área. Após alguns minutos de observação, um grupo de aproximadamente 30 pessoas, em sua maioria jovens, que passava do outro lado da rua causou certo mal estar no grupo de homossexuais que estavam na esquina. Eles, imediatamente impetraram fuga da esquina e se refugiaram em um local mais escuro, onde não puderam ser vistos e ficaram de prontidão para uma fuga. Logo após esse fato, um motoqueiro chegou até o grupo, conversou com um dos integrantes e saiu, fez o retorno no quarteirão e veio buscá-lo. Esse fato será mencionado adiante no resultado da pesquisa.

Na Rua Jovino Dinoá com a Avenida Raimundo Álvares da Costa nossa abordagem foi direta, optamos pela imediata identificação, segundo esse grupo os problemas mais frequentes são xingamentos e deboche por parte de motoristas e motoqueiros que passam na localidade, por isso, eles utilizam métodos de defesa, não muito convencionais, que servem para a alto-defesa, são pedregulhos que ficam escondidos bem próximos dos freqüentadores desta esquina. Coincidentemente, durante nossa estada no local, houve motoristas que passaram falando palavras de baixo calão para os indivíduos que ali estavam. Neste local, um fato nos chamou a

atenção, em pequeno terreno baldio, observamos um casal saindo daquele local, tratava-se de um integrante daquele grupo. Tentamos entrevistá-los e fomos recebidos com rispidez, apesar de não termos tocado no assunto, com isso eles se afastaram imediatamente do local.

As nossas aproximações dos grupos foram marcadas por algumas dificuldades, entre as quais, foi exigida por parte dos integrantes da Avenida Salgado Filho, a cobrança em dinheiro, o equivalente a R\$50,00 (cinquenta reais) que corresponde ao valor de um programa. Pois, segundo o grupo, alguns pesquisadores que os entrevistaram, usaram sua imagem de forma inadequada, por isso, não permitiram que filmássemos e nem gravássemos as conversas, e muito menos responderiam ao questionário direcionado, mas havíamos nos preparados para a recusa dos mesmos e concomitantemente gravamos essas conversas sem que eles percebessem, mesmo sem autorização. Pensar e planejar sobre possíveis mudanças facilitou nosso sucesso, pois utilizamos um gravador no bolso da blusa que foi fundamental para explorarmos o grupo dessa esquina, da qual a mesma estratégia valeu para os integrantes das outras esquinas a ser pesquisadas e já citadas anteriormente.

Na esquina da Rua Leopoldo Machado com a Avenida Machado de Assis (atrás da Assembléia Legislativa) os integrantes do ponto relataram sua rotina e a forma como são tratados pela sociedade e os mecanismos de defesa que os mesmos utilizam. Segundo os entrevistados: - “A gente procura andar em grupos, evita o máximo andar só. Temos na bolsa canivete, tem umas que trazem faca, pedra e pedaço de pau”. Em relação às agressões já sofridas pelo grupo, comprova-se em outro trecho da fala de uma das pessoas do grupo:

“-A gente sofre agressão, as pessoas são preconceituosas com o que a gente faz. Já levei ovada, jogaram manga, pedra, chamam palavrão, já aconteceu até de um homem maldoso levar amigas minha e dá uma surra nelas dentro do motel e não pagar pelo programa e tirar sarro com a cara da gente. Passa muito playboyzinho por aqui ameaçando a gente”.

De fato essa dinâmica enfrentada diariamente por esses trabalhadores informais nos mostra o quanto eles são agredidos verbalmente ou fisicamente ao ponto de reagirem da mesma forma violenta, quando são atacados por indivíduos da sociedade. Certamente que essa conduta não é a mais correta, mas devido às condições sociais a qual se encontram esses grupos marginalizados noturnamente, por falta de segurança e políticas públicas voltadas para melhorar suas condições de vida, comprova a ineficiência do Estado Amapá em agir com responsabilidade social. Podemos ousar em afirmar que esse Estado contribui diretamente e indiretamente para a

propagação da violência nas esquinas de Macapá e conseqüentemente aumento do preconceito e da homofobia.

## **6 Resultado**

Essa pesquisa foi realizada com grupos homossexuais que estão situados nas esquinas das Avenidas Salgado Filho, Rua Jovino Dinoá e Rua Leopoldo Machado com Machado de Assis na Cidade de Macapá Estado do Amapá.

A pesquisa teve como objetivo conhecer como estão vivendo hoje, esses grupos, nas esquinas da capital do Estado e como a sociedade vê a permanência dos mesmos naquele local.

Dentro do contexto social em que se encontram hoje os homossexuais podem ser potencialmente indivíduos que merecem destaque nas pesquisas científicas, pois estão constantemente sendo destaques negativos nos meios societários. Por isso, procuramos saber se os órgãos públicos do Estado do Amapá estão empenhados em promover programas com o objetivo de proteger a vida desses grupos de possíveis violências, bem como programas que objetive melhoras de saúde. De fato e convictos, podemos afirmar que não há qualquer tipo de programa ou projeto social voltado para essa minoria. Isso se traduz na abordagem dos entrevistados que afirmaram jamais ter recebido quaisquer a ajuda dos órgãos públicos que possa resguardar a vida e a saúde do grupo e nenhuma contribuição que venha diminuir a violência que está exposta nas ruas. Neste sentido, toda e qualquer proteção que eles obtêm é fruto de seu trabalho como: o uso de preservativos, proteção nas esquinas, (o uso de pedras), onde um dos entrevistados relatou: “o preconceito sempre existiu contra homossexuais e nunca vai acabar”. Neste caso, a ineficiência do poder público e a violência que sofrem nas ruas confirma as hipótese 1 (De que há ausência e ineficiência de programas para amenizar a violência e resguardar a vida e a saúde deste grupo) e 3 (De fato comprovou-se que os homossexuais sofrem violências nas ruas de Macapá) que foram levantadas.

Nas visitas que fizemos na Secretaria de Inclusão e Mobilização Social do Amapá, Secretaria da Cultura do Amapá e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pudemos constatar que o descaso com os homossexuais é muito acentuado, não há dados que comprovem índices de violência homofóbica, pois os referidos órgãos não atuam em prol do grupo, uma vez que seu papel é promover a inclusão e os homossexuais estão expostos a situações de risco tanto



á saúde quanto a violência urbana. Segundo a Assistente Social Lena, da Secretaria de Inclusão e Mobilização Social do Estado do Amapá: “ - Não temos trabalhos, projetos voltados aos homossexuais, apenas apoiamos possíveis eventos como, por exemplo, conferências do grupo GHATA(GRUPO DAS HOMOSSEXUAIS THILDES DO AMAPÁ) ”. Não há um programa de atendimento às vítimas de violência homofóbica no Estado do Amapá, um apoio psicológico às vitima geralmente essas pessoas de orientação sexual possuem trajetórias tristes de abandono ou preconceito pelas suas próprias famílias que não aceitam o fato de serem homossexuais e ficam pelas ruas tentando ganhar a vida e são mal vistos pela sociedade. Esses profissionais poderiam atuar diretamente com esse grupo, orientando e educando, contribuindo assim para que essas pessoas fossem capazes de lutar e garantir seus direitos como cidadãos, viabilizando assim uma visão mais crítica sobre a realidade vivida.

Na Secretaria de Cultura a servidora interna Kátia nos deu a certeza de que lá não havia eventos culturais voltados para este grupo, apenas apoio para a realização da “Parada Gay”, evento nacional que ocorre no Estado do Amapá, que tem por intuito evidenciar o orgulho gay e protestos contra a homofobia. Segundo a servidora: “Não fazemos eventos culturais específicos ao público homossexual, fazemos em geral, ao que interessa a todos os públicos e no momento estamos voltados para eventos teatrais.”

No IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), conversamos com o Diretor Adrimauro Gemaque, ele nos informou que no Estado do Amapá nunca foi feito uma pesquisa para confirmar índices de violência contra homossexuais, segundo o mesmo apenas um jornalista no Amapá, João Bolero Neto, possui alguns dados estatísticos referentes aos índices de violência de modo geral mais não há uma metodologia científica utilizada pelo jornalista, afirma Adrimauro. “O Amapá é único Estado da Federação Brasileira onde não há uma instituição estatística para analisar os dados locais, o IBGE só trabalha com pesquisas a nível nacional”, afirma o servidor, descartando assim a possibilidade de haver o controle do Estado sob essas informações.

Em continuidade com a realidade estatística atual, houve uma pesquisa recente na Cidade de São Paulo, no ano 2013, do qual envolve a opinião pública em relação ao homossexualismo.

Essa pesquisa está direcionada em conhecer os motivos que levam a rejeição ser a principal causa pela qual os homossexuais escondem sua orientação.

O Ibope perguntou sobre esses temas para 2.363 internautas quase metade aprova o casamento gay (47%) e mais da metade acredita que casais de homossexuais podem adotar crianças (57%).

Quando questionados sobre a orientação sexual, 83% disseram ser heterossexuais, 7% homossexuais, 5% bissexuais e 5% preferiram não responder. “Os homens também afirmam mais facilmente que são homossexuais ou bissexuais. Entre jovens, quanto mais novo, mais facilmente assume sua orientação sexual”, explica Laure Castelnau, diretora de marketing/Ibope.

Entre os que assumiram a homossexualidade, 15% têm até 29 anos, 10% têm de 30 a 49 anos e 5% têm mais de 50. A concentração por regiões do país é parecida no sul (10%), sudeste (13%), centro-oeste (14%), nordeste (13%) e bem menor no norte (2%).

É mais ou menos linear exceto na região norte. A mesma coisa acontece nas classes sociais, a gente tem aí um número que varia de 10% a 14%, um pouquinho mais concentrado na classe B, onde 14% se dizem homossexuais. Trinta e cinco por cento dos internautas que responderam ao questionário disseram que têm pelo menos uma pessoa gay na família.

Segundo esses pesquisadores, o número pode ser maior porque muita gente ainda não se assume. O principal motivo é o medo da rejeição: 31% não assumem o casamento gay perante a família e 33% não assumem em relação aos colegas de trabalho.

Esta pesquisa também procurou saber se há concorrência e deslealdade, assim como conflitualidade entre os membros dos pontos por causa dos clientes. Esta possibilidade foi negada, pois segundo os indivíduos que freqüentam aqueles locais, o motivo de estarem sempre juntos torna o grupo mais forte contra possíveis ataques, o que justifica a fuga da esquina quando viram o grupo de pessoas aproximarem-se, o que foi confirmado pelo entrevistado, após nossa identificação, segundo ele, “havia grande número de pessoas jovens no meio do grupo” que se aproximava, pois, segundo relato do entrevistado, “os primeiros grupos homossexuais que surgiram nas esquinas em Macapá eram desunidos e por isso, logo no início, sofriam constantemente violências por parte de jovens.” Hoje com a união entre eles os agressores diminuíram, mas não acabou. Com isso, refutamos as hipóteses 2 (devido estes grupos trabalharem em locais que há muitos órgãos públicos não ocorre esse conflito no entanto, é incipiente as residências particulares nessas esquinas) e 4 (não existe deslealdade e concorrência entre os grupos em questão, pois os mesmos buscaram se unir para obtenção de fortalecimento e proteção contra possíveis ataques).

A prostituição é uma das práticas mais antiga e que ainda persiste nos dias atuais, por isso, que esta pesquisa procurou saber se a atividade exercida pelos membros daqueles grupos era prazerosa. Essa hipótese foi confirmada. Pois segundo os membros dos grupos “o trabalho exercido por eles é prazeroso” e trabalha por que gosta da profissão, com isso, confirmando a hipótese 5 (demonstrar a existência da prostituição como opção pessoal e, não apenas pelo fator financeiro mais motivado pelo prazer pessoal).

## **7 Considerações Finais**

O tema proposto, a violência homofóbica, é um acontecimento preocupante na sociedade, por esse motivo, este trabalho ganha importância a partir das análises verificadas. Desse modo, as autoridades que não contribuem para o combate à violência homossexual e muito menos para a educação e prevenção de doenças dos mesmos, com isso o poder público deve utilizar-se deste instrumento para criar programas que possam ser útil a esse grupo minoritário.

É importante ressaltar que os homossexuais estão inseridos em um contexto social, à qual sua orientação sexual permite levar em conta as questões sociais e culturais, já que estes fatores constituem a realidade social nos diversos aspectos.

A partir de pesquisas em campo nas diversas Secretarias do Estado podemos constatar a ineficiência por parte de Políticas Públicas e articulações que combatam a homofobia. Não existem políticas públicas que visem capacitar o Estado, especialmente na educação em instituições escolares, judiciais, policiais, de saúde e fiscalização do trabalho para atuar de modo não-discriminatório no Estado do Amapá. Como referência citaremos os órgãos que na prática deveriam funcionar como dispositivos, por exemplo, na Secretaria Estadual de Segurança Pública, Saúde, Cultura e Inclusão e Mobilização Social, que deveriam trabalhar de forma integrada como uma tentativa de coibir a violência e a discriminação.

Em relação ao cuidado com a saúde dos homossexuais podemos ver o descaso; contudo são completamente desassistidos pela Secretaria de Saúde Estadual e Municipal, não há planejamento e ação benéfica a saúde, pois apenas no carnaval ocorre a distribuição de preservativos, ou seja, campanhas publicitárias temáticas, sendo que essa ação é feita de modo geral e não específico aos homossexuais no sentido do reconhecimento e proteção dos direitos GLBT's no Estado do Amapá.

O descaso no Estado é um reflexo do que acontece no resto do país, essa cultura de trabalharmos apenas os efeitos ou conseqüências inviabiliza qualquer esperança de se criar projetos de cunho preventivo e educativo sobre orientação sexual e conseqüentemente homofóbica. Dentro desse contexto, temos aqui no Amapá uma associação representante desse grupo, a GHATA (GRUPO DAS HOMOSSEXUAIS THILDES DO AMAPÁ), que pouco pode atuar pois não tem apoio do poder público e muito menos recurso para efetivar ações educativas na sociedade amapaense, então isso só confirma a continuidade de uma cultura discriminadora e avessa a sociedade moderna.

Por isso, é hora de nos convenceremos que hábitos convencionalmente naturalizados, devem ser combatidos através de ações educativas, políticas públicas, não paliativas, mas que funcionem de forma eficaz, contra qualquer tipo de violência que possa suscitar a homofobia na sociedade.

## REFERÊNCIAS

**ALMANAQUE ABRIL:** 2012, editora Abril. p- 133.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Ver. téc. Luis Carlos Fridman. – Rio Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

**Constituição da Republica Federativa do Brasil,** Brasília, 2006. (art. 3º, IV). (art. 3º, IV).

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia:** Introdução à ciência da humanidade – 3º ed.rev e ampl. –São Paulo: Moderna, 2005. 343-358.

**Diversidade Sexual na Educação:problematizações sobre a homofobia nas escolas/Rogério Diniz Junqueira (Org).** – Brasilia: Ministerio da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO,2009.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – Formação do Estado e Civilização. Vol. 2 Trad. Ruy Jungmann; Rev. Apre. e notas: Renato Janine Ribeiro.Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política.** 2º edição, Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Organização a seleção de textos. Manoel Barros da Motta.Ed.forense universitária,1978.Coleção Ditos e Escritos - V

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista.** Tradução Antonio Carlos Braga, São Paulo: Editora escala. 2009.

**Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

SEVERINO,Antonio Joaquim, **Educação, Ideologia e contra Ideologia.** (EPU) Editra Pedagogica Universitária,1ª reimpressão,São Paulo,1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia.** In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009, 85-93 pp.

RIOS, Roger Raupp. **Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação.** In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009, 53-83 pp.

FILHO, Alípio de Sousa. **Teorias sobre a gênese da homossexualidade:** ideologia, preconceito e fraude. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009, 95-123 pp.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Educação e Homofobia:** o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal, (2004).

MEYER, Dagmar. **Corpo, violência e educação:** Uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009, 213-233 pp.

THORNTON BS, Eros. A lei de Atenas e as mulheres. Disponível em: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=3390#ixzz2Pb5GOMCA>> Acesso em: 21/09/2012

SILVA, Rosimeri Aquino da Silva. Sociologia da conflitualidade. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200013>> Acesso em: 11/12/2012.

SANTANA, Ana Lucia. Homofobia. Disponível em: <<http://www.homofobiainfoescola.com.br>> Acesso em: 16/12/2012.

ARIEDE, Natalia. Rejeição é o principal motivo que leva homossexuais a esconder orientação. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/03/rejeicao-e-principal-motivo-que-leva-homossexuais-esconder-orientacao.html>> Acesso em: 23/03/2013.